

A VIDA DO PROFESSOR SE PROLONGA NA VIDA DE SEUS ALUNOS

Taynnã Valentim Rodrigues

(Autor/ UEPB)

Maria Auberlane do Nascimento Lima

(Coautor / UEPB)

Este trabalho é resultado da conclusão da cadeira *Prática Pedagógica I*, ministrada no ano de 2011 na universidade Estadual da Paraíba, e tem como principais objetivos identificar e analisar como as aulas de história estão sendo vistas hoje pelo alunado, partindo de entrevistas realizadas com alunos e professor de ensino fundamental II na *Escola de Ensino Fundamental e Médio Francisco Ernesto do Régio* na cidade de Queimadas/PB. Este trabalho se fundamenta em produções cinematográficas que citaremos no decorrer do artigo, nas entrevistas feitas na referida escola e ainda em teóricos como Friedrich Nietzsche para trazer a importância da subjetividade, e o despertar do senso crítico dentro do processo educacional, Rubem Alves evidenciando a busca do elemento alegria, Nadja Hermam tratando a questão da hermenêutica dentro de nossa discussão, e por fim Silvia Duschatzky e Carlos Skliar ressaltando o papel fundamental do conceito de alteridade. Através das entrevistas podemos perceber que os alunos vêm enxergando a escola apenas como a mediadora de um futuro emprego, descartando assim qualquer que seja a possibilidade de satisfação e alegria no processo de aprendizagem. Procuramos neste artigo fazer uma ponte para se poder chegar a uma educação verdadeiramente hermenêutica, que não só ensina mais que salva o aluno, evidenciando assim a importância da sensibilidade e do amor que o professor necessita para poder exercer não a sua profissão mais sim a sua nobre missão.

Palavras- chaves: Subjetividade, Alteridade, Educação salvacionista.

Abstract: This work is a result of completing the chair Pedagogical Practice I, conducted in 2011 at the State University of Paraíba, and has as main objective to identify and analyze how the lessons of history are being seen today by the student body, based on interviews with students and II elementary school teacher in Elementary School and Middle Ernesto Francisco do Rego in the city of Fires / PB. This work is based on film productions that quote throughout the article, in interviews at the school and also in theorists such as Friedrich Nietzsche to bring the importance of subjectivity, and the awakening of critical sense within the educational process, Ruben Alves showing the search element of joy, Nadja Hermam addressing the issue of hermeneutics within our discussion, and finally Silvia and Carlos Duschatzky Skliar emphasizing the role of the concept of otherness. Through interviews we can see that students are seeing the school as the only mediator of future employment, thus ruling out the possibility whatever of satisfaction and joy in the learning process. In this article we bridge in order to reach a truly hermeneutic education, which teaches not only saves more than the student, thus underlining the importance of sensitivity and love that the teacher does not need to exercise their profession more so its noble mission.

Key words: Subjectivity, Othemess, Education Salvationists.

A VIDA DO PROFESSOR SE PROLONGA NA VIDA DE SEUS ALUNOS

Para produzir este artigo partimos das aulas de prática pedagógica I na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), onde pudemos ter acesso a textos teóricos que traziam o pensamento em relação à educação de grandes nomes da filosofia e da história. Ainda nos embasamos em tais filmes como: Preciosa, A sociedade dos poetas mortos, Nenhum a menos e Clube dos imperadores. Filmes que trazem a educação como uma fonte de salvação, subjetividade, sonhos e esperança, pensando assim fazer uma ligação dessas produções com as idéias propostas nos textos. Para ter um objeto empírico e que nos permitisse um contato mais profundo com a realidade das escolas, realizamos entrevistas com alunos e professores do fundamental II, com o intuito de compreender: 1) como está como estar se dando o ensino de história; 3) buscar os porquês dos alunos gostarem ou não da referente disciplina; 4) como também perceber qual a importância que a escola tem hoje na vida dos alunos, qual o motivo que os leva para a mesma e a relação professor / aluno.

Pudemos perceber que, infelizmente, o que vem levando os nossos jovens à escola é o fato de lá poderem ter contato com os amigos, tanto que para eles o momento mais interessante é à hora do intervalo, quando estão brincando e conversando coisas que em nada tem haver com as aulas. Em relação à importância que a escola tem para estas crianças, as respostas são simples e objetivas, enxergam a escola como um caminho para um bom emprego; e a alegria de estudar, onde está? Podemos Inferir que esta palavra (Alegria) na verdade não esteja presente, ou não esteja sendo praticada. Senão vejamos:

O meu palpite é que, se fizer uma pesquisa entre as crianças e os adolescentes sobre as suas experiências de alegria na escola, eles terão muito o que falar sobre a amizade e o companheirismo entre eles, mas pouquíssimas serão as referências à alegria de estudar, compreender e aprender.(ALVES, R, 2000, p.14)

Rubem Alves em seu texto *A Alegria de Ensinar* enfatiza bem essa questão, do por que o ato de aprender não está sendo visto como uma alegria pelos alunos. Entre as respostas para essa questão ele traz que muitos professores se julgam serem os detentores do saber absoluto e do poder dentro da sala. Não levam em consideração a opinião dos alunos e muitas vezes mesmos os professores, não sabem onde está a

alegria de ensinar tornando-se assim profissionais frustrados que não tem o mínimo interesse que sua disciplina e eles mesmos sejam amados. “Era, de fato, difícil amar as disciplinas representadas por rostos e vozes que não queriam ser amados.” (ALVES, R. 2000, p. 17)

Uma questão que é interessante ser tocada é o fato de que alguns professores não julgam ser tão importante ouvir a opinião de seus alunos, colocando estes apenas no lugar de "receptores do saber", e assim frustrar um ponto que acreditamos ser bastante importante em uma aula, que é a subjetividade. Ainda mais se tratando de uma aula de história, já que esta é um campo amplo, onde não existe apenas uma verdade, mas sim "as verdades". A aula de história deve ser por excelência o momento em que os alunos se sintam livres para dar a sua opinião, despertando assim o senso crítico. Segundo Dial (1990, p.51) se referindo a exemplos como o de Nietzsche, no que diz respeito à criação de um ambiente de reflexão e ludicidade em sala de aula:

(...) Poucos professores foram tão estimados pelos alunos quanto Nietzsche. Seu temperamento, suas maneiras, o charme de sua personalidade afável fascinava-os. Tinha o poder de entusiasmar os jovens para a disciplina que ensinava. Excelente professor, não visava ao simples acúmulo de conhecimento- pelo contrário, insistia no desenvolvimento do senso crítico e da atividade criadora de cada um. (DIAL, 1990, P.51)

Como podemos ver Friedrich Nietzsche era um exemplo de professor que praticava divinamente o despertar do senso crítico em seus alunos. Para Nietzsche educar não seria ensinar o que pensar, mas sim como problematizar dada questão, sempre se perguntando se não haveria uma nova visão para tratar algo que já foi tantas vezes visto da mesma forma.

Para um professor hoje agir como Nietzsche não é preciso apenas vontade e criatividade, é preciso também coragem, pois sabemos que as instituições de ensino ainda são muito atreladas ao positivismo, desenvolvendo conceitos trabalhados pelo Michel Foucault como a disciplina de imposições, vigilância, práticas de controle e poder; desta forma, muitas vezes o professor fica quase que por completo submetido, assim como os alunos a esse controle, e proibido de fugir das regras da instituição. Um exemplo cinematográfico que podemos citar aqui é *A Sociedade Dos Poetas Mortos*¹,

¹ O filme Sociedade dos Poetas Mortos tem como título Original: Dead Poets Society; Diretor: Peter Weir; Roteirista: Tom Schulman; Trilha: Maurice Jarre; Ano: 1989; Gênero: Drama; Elenco: Robin Williams, Ethan Hawke, Robert Sean Leonard, Josh Charles, Dylan Kussman; País: EUA; Lançamento: 28 de fevereiro de 1990; Duração: 128 min.

uma produção que traz um colégio extremamente positivista onde se tinha o que Nietzsche chamava de "elitização do conhecimento", nessa instituição onde só estudavam rapazes, eis que surge um novo professor de literatura que faz a diferença, propõe uma aula onde há risos, alegria, liberdade de pensar e de sonhar; no entanto este professor começa a ser censurado pelo diretor da instituição que acreditava que educar seria apenas preparar os jovens para a universidade e não para apreenderem a pensar e questionar, mas o professor insistia e afirmava: "Estou formando pensadores livres."

Voltando à questão do pouco interesse dos alunos pela escola e por algumas disciplinas, mediante as entrevistas chegamos à conclusão de que um gosto por uma disciplina vai depender muito de quem é o professor. E como esse ministra as suas aulas, visto que os jovens hoje têm uma vida dinâmica, são frutos de uma geração onde tudo está ligado a internet, mídias, sons e imagens. Devido a isso quando estão na escola sentem falta dessa dinamização, e como se a escola fosse o espaço onde o mundo dinâmico fosse morto prevalecendo o preto e branco. Antes de um professor ou diretor perguntar para o aluno o porquê de sua falta de interesse pela escola, este deve - se perguntar inicialmente se não seriam a instituição ou a aula, as causadoras dessa falta de interesse.

É importante esclarecer que uso de mídias interativas em uma aula nos traz toda uma problemática, primeiro, nas escolas que dispõem perfeitamente desses recursos é preciso que o professor saiba utilizá-los, ressaltando então a questão da formação continuada ou um tempo vago em que o professor dedique-se para poder pesquisar mais a fundo sobre o uso dessas mídias ou até mesmo sobre sites, revistas, livros atualizados e filmes para poder trazer para a aula ou simplesmente indicar com as devidas referências e esclarecimentos para seus alunos. Em segundo lugar se as escolas não dispõem de recursos midiáticos não há problema, pois ainda vão restar outros recursos como imagens que podem ser observadas e problematizadas, sejam no livro didático ou no nosso cotidiano, como por exemplo, as permanências medievais que podemos ter acesso empiricamente; ainda podemos trabalhar com músicas e poesias, sabendo que, ainda que uma escola não disponha de nenhum recurso tecnológico, haverá sempre um recurso que o professor poderá utilizar perfeitamente sem custar nada pra se ter: a voz.

A voz é um recurso que não é comprado, pois é um dom que nos temos mais nem todos sabem utilizá-la. Lembrando que não adianta ter todos os recursos possíveis para

se ministrar uma aula, se o professor não tiver dentro de si o principal: O amor pelo que faz e o senso de criatividade.

Retomando a questão da subjetividade, pensamos que uma aula com base nesta, seria uma aula menos cientificista, uma aula verdadeiramente hermenêutica onde o aluno teria voz. Afinal:

(...) o processo educativo é uma experiência do próprio aluno, que se realiza pela linguagem. Quanto mais o processo pedagógico se aproximar dos ditames científicos, maior será a pretensão de controle das circunstâncias em que ocorre tal processo. (HERMANN. N. P. 2002, p.83-84).

Nadja Hermann desejava evidenciar em sua fala que quanto maior for o grau de cientificismo, maior será a negligência do educador em relação à subjetividade do processo de educação. Hermann propõe uma educação hermenêutica, ou seja, uma educação interpretativa onde prevalece o diálogo e a troca de conhecimento entre professor e aluno. Segundo Hermann (2002, p.94-95): “Só podemos aprender pelo diálogo, porque nesse processo é o próprio sujeito quem se educa com o outro. (...) A educação é, por excelência, o lugar do diálogo (...)”

O diálogo entre professor e aluno é de fundamental importância para ambos poderem se conhecer, pois é necessário que o educador tenha a sensibilidade de compreender que em uma sala de quarenta alunos estará lhe dando com jovens saudáveis e felizes, como também com corpos excluídos, muitos violentados físico e moralmente sem nenhuma perspectiva de vida. É nesse momento que o professor deve vir e mostrar o que entendemos por educação salvacionista, que como o próprio nome evidencia e uma educação que salva e traz a luz do conhecimento.

Um filme que retrata bem essa educação salvacionista é *Preciosa, uma história de esperança*², essa história se passa no ano de 1987, e tem como protagonista uma adolescente de 16 anos totalmente frustrada com ela e com sua história. Preciosa era uma menina negra, fora dos padrões de beleza vigentes, violentada sexualmente pelo pai, maltratada pela mãe, tinha um filho e estava grávida do segundo. Preciosa vivia á espera de algo ou alguém que a salvasse daquela miserável existência, e as coisas começaram a mudar na vida dessa adolescente quando ele começou a frequentar uma

² O Filme *Preciosa, uma História de Esperança* tem como título original: *Precious*. Based on the Novel by author. Lee Daniels; elenco: Gabourey Sidibe, Mo'Nique, Paula Patton, Mariah Carey, Lenny Kravitz; produção: Sarah Siegel-Magness, Lee Daniels, Gary Magness; roteiro: Geoffrey Fletcher; trilha Sonora: Mario Grigorov; duração: 110 min; ano: 2009; país: EUA; gênero: Drama; distribuidora: Play Arte; estúdio: Lee Daniels Entertainment / Lionsgate / Smokewood Entertainment Group.

ensinar. Essa professora mostrava a importância do conhecimento na vida de uma pessoa. Preciosa passa então a se sentir presente, se sentir alguém, ela descobre suas capacidades e virtudes e vê que não é só possível sonhar, mais também é possível realizar.

Outro exemplo de filme que traz essa educação que salva é *Clube dos Imperadores*³, que conta a história de um professor de história ocidental que era apaixonado pelo conhecimento e pela ética. Ele tentava incansavelmente passar esses valores para os seus alunos aparte de uma frase de Heráclito “O caráter do homem é o seu destino”. No início de mais um ano letivo esse professor tem em sua turma um novo aluno totalmente antiético, o professor praticando a educação salvacionista acredita que conseguirá mudar o caráter desse aluno mediante incentivos, no entanto, ele se decepciona quando descobre que o aluno estava colando em uma prova bastante importante. Anos se passaram e o aluno que agora era um homem poderoso se reencontra com o professor e o desafia para uma prova, só que, novamente, o educador se decepciona profundamente, pois o aluno mais uma vez estava colando.

Tristemente o professor viu que não conseguiu salvar e nem mudar o caráter daquele menino e, conseqüentemente, o seu destino, mais o importante foi que ele tentou, não ficou quieto olhando o seu aluno se afundar na sua falta de ética. De uma sala de quarenta ou trinta alunos o educador pode não salvar todos, mais pelo menos um ele conseguirá, e ainda que não consiga a importância estará na tentativa.

Entre as inúmeras qualidades de um bom professor, deve estar a de não desistir sobre hipótese alguma de seus alunos, para mostrar isso trazemos mais uma produção cinematográfica intitulada *Nenhum a menos*⁴. Esse filme retrata a história de uma menina de apenas treze anos que vai substituir um professor em um vilarejo muito pobre da China, ela promete ao professor manter todos os alunos na escola, tarefa essa que não era fácil, pois os pais dos alunos sempre os tiravam da escola ainda muita criança para trabalharem e ajudarem a manter a casa. Devido à pobreza era mais difícil manter os alunos na escola do que ensinar. Um dos alunos (o mais problemático) da professora Wei foi para a cidade em busca de emprego, então a professora decide ir ~~atrás dele e trazê-lo de volta~~ mostrando assim toda a sua perseverança, É interessante

³ O filme *Clube dos Imperadores* tem como título original: The Emperor's Club Diretor: Michal Hoffman Roteiro: Ethan Canin E Neil Tolkin Gênero: Drama Tempo de duração: 109 min. Ano de lançamento: 2002, EUA, 2004, BRA Figurinos: Cynthia Fynt Distribuição: Europa Filme

⁴ O filme *Nenhum a Menos* tem como título Original: Not One Less Diretor: Yimou Zhang Elenco: Wei Minzhi, Zhang Huike, Tian Zhenda, Gao Enman, Sun Zhimei. Produção: Zhao Yu Roteiro: Shi Xiangsheng Trilha Sonora: San Bao Duração: 106 min. Ano: 1998 País: China Gênero: Drama Distribuidora: Não definida

ver a coragem e a preocupação de Wei com o seu aluno, mesmo sendo este o mais problemático da turma, em nenhum momento a professora pensar em desistir dele.

Nenhum a menos aborda muito bem a questão da pobreza nas escolas e, infelizmente, essa é a realidade de muitas instituições, a educação deveria estar em primeiro plano nas metas de um governo, mas ainda não é isso que acontece. Na entrevista que realizamos com uma professora de história do ensino fundamental II, ao ser questionada quais eram os principais problemas na educação básica na nossa sociedade, a educadora afirma que os maiores problemas estão relacionados à desvalorização do magistério, a falta de condições para que o professor possa atuar bem, a sobrecarga de trabalho, a falta de base do alunado e a falta de interesse dos pais pela educação dos filhos que os leva a não participarem conjuntamente com a escola do processo educacional, pois acreditamos o professor deve ser um sonhador e levar os seus alunos a sonharem junto, mais o professor não é Deus.

Voltando a sensibilidade no processo educacional, esta é de suma importância, para que o educador possa identificar e entender cada um de seus alunos, e assim agir de forma inclusiva, sabendo que uma sala de aula é dividida em grupos mais **outros** alunos que não se encaixam em nenhum grupo, sendo assim os excluídos. Toda sala de aula tem o seu **outro** e o professor deve saber lidar com isso. Mais quem são os **outros** de uma sala de aula? Os **outros** de uma sala de aula são aqueles que fogem dos padrões estabelecidos pela “elite” popular da sala, sejam esses padrões, estéticos, culturais, intelectuais e sexuais. Se alguém sai desses padrões, esse alguém é excluído pelos demais. As políticas pregam o conceito muito bonito da alteridade, mas essa teoria está passando longe da prática. Senão vejamos:

Uma questão crucial nas políticas culturais e educativas parece ser, atualmente, interrogamos acerca das representações acerca da alteridade que nos convertem em aliados de certos discursos e práticas culturais, tão politicamente corretas quanto sensivelmente confusas. (DUSCHATZKY, S; SKLIAR, C. 2001, p. 120).

A Silvia Duschatzky e o Carlos Skliar vêm mostrar que é muito fácil teoricamente dizer: "respeite o outro"; mas na prática não é o que está ocorrendo, e esta é uma questão que deve ser resolvida principalmente no ambiente escolar que é onde se encontra uma multiplicidade de crianças e adolescentes que formarão o amanhã e este dependerá do hoje. Não é difícil ver um professor dando mais atenção, tecendo elogios mais a uns alunos do que a outros, ou ainda, por exemplo, quando se vai fazer a foto da

turma ou uma peça na escola, o professor escolhe a dedo alguns para ficarem na frente da foto e representarem o papel principal na peça teatral. Mediante tal atitude a pergunta que fica é: Como os jovens que não foram em nenhum momento escolhidos ou vistos estarão se sentindo? A resposta é triste e cruel, eles estarão se sentindo se excluídos, indiferentes, humilhados e diminuídos, ou seja, eles serão o grupo do **outro** que estará sempre abaixo do egoísta grupo do **eu**.

O grupo do outro não é dispensável em uma sociedade, pois eles ocupam um lugar sim.

Necessitamos do outro, mesmo que assumindo certo risco, pois de outra forma não teríamos como justificar o que somos, nossas leis, as instituições, as regras, a ética, a moral e a estética de nossos discursos e nossas práticas.” (DUSCHATZKY, S; SKLIAR, C.2001, p. 124).

O grupo do **eu** necessita do grupo do **outro** para se reafirmar como o certo, o bonito e o coerente. Em uma sala de aula o grupo de meninas que são tidas com populares e bonitas, precisa que tenha na sala **outras** que sejam impopulares e que não estejam de acordo com os padrões de beleza estabelecidos pelo meio para poder mostrar diante de sua "inferioridade" a superioridade das demais, ou seja, o "patinho" feio da turma que revela a beleza dos cisnes.

De certa forma podemos imaginar uma experiência: “aceitar” o **outro** no grupo do **eu** de certa forma vai ser bom, pois assim vou mostrar que “não” tenho preconceitos e que “prático” alteridade, no entanto, se o **outro** quiser ser aceito, este deve pagar um preço alto que é justamente negar a sua identidade e passar a agir como o grupo do **eu** mesmo que não concorde com eles, deixar assim de fazer ou dizer o que deseja ou o que acredita ser certo devido à vergonha do que os demais irão pensar e ao medo de não serem aceitos com as sua própria identidade. Segundo Dial (1990, p.66) “As pessoas submetem-se mais as convenções do que às suas próprias convicções.”

Preciosa, a protagonista do filme que citamos anteriormente representava esse papel do **outro** em uma sala de aula, e quem a salvou foi a sua professora, e é justamente o professor que tem o papel fundamental de desconstruir (principalmente na aula de história, já que esta deve trabalhar também com desconstruções de estereótipos) essa divisão entre o **eu** e o **outro**. Cabe ao educador impor limites aos que se acham superiores em demasia e fazer desabrochar as virtudes dos inferiorizados pelos demais.

No decorrer deste trabalho procuramos deixar claro que o desempenho e interesse do aluno pelo ato de estudar não dependera exclusivamente do professor, mas este terá sim

um papel fundamental na medida em que através das entrevistas que realizamos com os alunos pudemos perceber que os professores que procuravam fazer uma aula dinâmica extrovertida e voltada para todos os presentes na sala, era justamente o professor que era citado como o mais querido e a aula mais interessante. Sendo assim podemos dizer que o corpo de uma aula são os alunos que fazem, mas a alma da aula, esta é o professor que constrói.

Embora as dificuldades do processo educacional ocorridas pela falta de recursos ou devido algumas instituições serem amarradas em demasia ao positivismo cabe ao professor procurar se sobressair diante de tais dificuldades e fazer suas aulas serem marcadas pela subjetividade despertando assim o senso crítico dos seus alunos. É importante ressaltar que só trazer uma aula dinâmica e criativa não basta, pois ser um professor é um desafio que para ser cumprido o educador necessita de coragem, perseverança, alegria, esperança, concepção de que não ensina apenas história, ensina felicidade e ainda, sobretudo necessita de amor pelo que e por quem faz; afinal a vida de um professor se prolonga na vida de seus alunos.

Referencias bibliográficas

DIAL, Rosa Maria. **Nietzsche Educador**. Editora Scipione, 1990

ALVES, Rubem, **A Alegria de Ensinar**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

HERMANN, Nadja. “As Relações Entre Hermenêutica e Educação”. In: **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.p. 83-102

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O Nome dos Outros. Narrando a Alteridade na Cultura e na Educação. In: **Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da Diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 110-137